

“Joga Bonito”: um estudo de caso aproximando a Educação Física e a indústria cultural

Frederico Vieira Dias (mestrando UFSCAR)

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em junho de 2008 e aprovado para publicação em julho de 2008

Resumo:

É cada vez mais observável a importância que a televisão tem assumido em nossa sociedade, nos seus mais diversos segmentos. Abordamos o tema do ponto de vista da Escola de Frankfurt, o que significa considerar a televisão como parte fundamental do sistema de comunicação, garantindo ele o funcionamento da Indústria Cultural, e *uma* formação cultural *fora* da escola. Temos como objetivo relacionar contemporaneamente os conceitos acerca da indústria cultural com o diálogo que a educação e, especificamente nesse caso a Educação Física, deve manter com a realidade. Para tanto, analisamos, à luz da Teoria Crítica, o *reality show* “Joga Bonito”, transmitido pela emissora televisiva Bandeirantes. O programa analisado influencia tanto os participantes como os telespectadores no sentido da manutenção da atual sociedade valorizando elementos que caracterizam a semicultura, logo, o professor assume papel central na análise crítica de tal produto da indústria cultural.

Palavras-chave: Teoria crítica, semi-formação, indústria cultural.

Abstract:

It is more and more observable the importance that the television has assumed in our society, in its diverse segments. We broach the subject from the School of Frankfurt point of view, which means to consider the television as a fundamental part of the communication system, seeing that it — the system — is answerable for the Cultural Industry functioning, and for an out of schools cultural formation. We have as objective to report contemporaneously the concepts concerning the Cultural Industry and the dialog that the education and, specifically in this case the Physical Education, must keep with the reality. Therefore, we analyzed, with the Critical Theory guidance, the reality show “*Joga Bonito*”, transmitted by the broadcasting station Bandeirantes. The analyzed program influences the participants in such a way as the viewers in the direction of the current society maintenance, valuing elements that characterize the semiculture. Therewith, the teacher assumes a central role in the critical analysis of such Cultural Industry product.

Key words: Critical Theory, semi-formation, cultural industry.

1. Introdução

Entender que a formação cultural se dá somente no âmbito escolar é uma ignorância e isso ganha destacada importância no atual contexto de soberania da semicultura. Ramos-de-Oliveira (2006) aponta que não podemos esquecer do cotidiano como agente formativo. Daí a preocupação com o fato de que "O enorme poderio dos 'mass-media' congrega todos os recursos técnicos da indústria cultural e dissemina um sucedâneo da formação, a chamada 'semiformação cultural'".

A partir deste pressuposto básico, buscamos no ambiente extra-escolar um objeto de estudo que revelasse tal problemática e, assim, chegamos ao *reality show* "Joga Bonito"¹ e suas possíveis conseqüências para a Educação Física em ambiente escolar.

Elegemos como questão básica para orientar este estudo, até que ponto a mídia, principalmente no que tange à influência do consumo de suas mercadorias, afeta a atividade pedagógica do professor de Educação Física junto aos seus alunos.

Tentando contribuir para a resposta da questão colocada no parágrafo anterior, o objetivo deste estudo é levantar reflexões a respeito de tal influência na construção do indivíduo semiformado e os perigos dos professores não notarem que desde a escolha da marca do tênis até a atitude extremamente competitivista e individualista estão presentes formas de dominação e controle social que servem para a perpetuação do atual modelo capitalista de sociedade.

2. O conceito de indústria cultural

A confecção do termo "indústria cultural", surge da necessidade de se esclarecer o uso comum do termo "cultura de massa" na década de 40. Podia-se entender que o termo cultura de massa se referia àquela cultura que emana livremente das massas e,

para Adorno, tal entendimento atendia a interesses das classes dominantes que historicamente comandam os grandes veículos de comunicação. Portanto, o uso deste termo nos impedia de notar a relação de poder que permeia a cultura transformada em mercadoria.

Tudo indica que o termo indústria cultural foi empregado pela primeira vez no livro *Dialektik der Aufklärung*, que Horkheimer e eu publicamos em 1947. Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por “indústria cultural”, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular (Adorno 1978: p. 92).

Podemos entender que Adorno considera o surgimento da Indústria Cultural atrelada à questão financeira, de tal forma que qualquer indivíduo utilizador de uma manifestação artística (música, filme, etc.) como forma de subsistência financeira, por mais séria que seja sua intenção, logo se adequa muito mais ao valor de troca que ao de uso contido na manifestação, salvo algumas exceções. Para Adorno (2006), prender-se à necessidade de produzir lucro através da arte, limita claramente a autonomia do artista numa sociedade em que só há espaço para o vendável, o que significa dizer que só há espaço para as músicas e filmes que agradam uma audiência e uma visão regredida, sustentando o processo de semiformação cultural. Não se exige nem se estimula muito raciocínio, já que nem a disponibilidade do tempo é exigida. Por exemplo: durante uma caminhada podemos ouvir música através de um *mp3-player*, o que coloca a mesma apenas como pano de fundo para outra atividade.

Benjamin (1975) diz em seu texto “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução” que os meios de comunicação de massa podem prestar um papel nobre a

arte séria, levando-a aos mais longínquos destinos sem causar danos muito profundos que afetem sua qualidade.

Como se fosse uma resposta ao artigo de Benjamin, Adorno desenvolve um trabalho chamado “*The Radio Symphony*”, onde:

A tese era a de que a música sinfônica séria, quando é transmitida pelo rádio tal como ela é, não é aquilo pelo qual se faz passar e que, em consequência, a pretensão da indústria radiofônica de difundir música séria para o povo seria discutível (Adorno 1995b: p. 154).

Este raciocínio trata diretamente da questão da experiência e quando Adorno fala dela, alude ao conceito forjado por Kant no sentido de que a experiência é algo que vai além da vivência, que provoca mudanças naquele que experiencia; que permanece na personalidade do ser humano e não simplesmente algo com que se tem contato passageiro sendo consumido e esgotado no mesmo instante. Neste exemplo as mais modernas técnicas de reprodução musical acabam por determinar os limites da relação entre sujeito e objeto na medida em que priva de muitos detalhes ricos esta relação. Em decorrência de uma experiência deformada só pode se esperar uma audição regressiva, incapaz de gerar uma experiência cultural de nível mais elevado, mais humanizado. Sendo a técnica essencial à construção e manutenção dos lucros da Indústria Cultural, o raciocínio cada vez mais fragmentado se propaga em seus consumidores. Entretanto, cabe destacar que, Adorno citado por Zuin (1999), considera o contexto cultural peculiar aos diferentes contextos sociais e históricos onde se desenvolve a relação entre cultura e formação e, conseqüentemente, ele próprio “reconheceu a inevitabilidade da padronização e seriação dos clássicos da literatura nos chamados livros de bolso como uma necessidade vinculada ao próprio estágio de desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo”.

O compromisso político que a Indústria Cultural assume fica claro, um compromisso de manutenção social, produzindo seres cada vez mais limitados em seu pensamento e, portanto cada vez mais propensos a consumirem e não se apropriarem criticamente da cultura, ou seja, aptos a assumirem uma postura conformista.

Muitas pessoas podem perguntar por que busquei respostas na Escola de Frankfurt, sendo que temos um bom material já produzido em relação a uma educação crítica dentro da Educação Física. O fato é que a Teoria Crítica parece ir além deste material, não se limita a analisar o que acontece, mas se propõe a pensar como acontece e suas conseqüências, assim possibilitando uma abordagem mais ampla acerca do problema aqui levantado, avança da esfera social para a psicológica. Traz uma visão mais profunda em relação à mídia enquanto veículo da chamada Indústria Cultural. Expande aquelas idéias diretamente ligadas ao campo da Educação Física, para um conceito mais amplo de semiformação e barbárie. Em outras palavras, mostra como as experiências, seja na escola ou fora dela, formam um indivíduo mais humano ou menos humano, assim evocando os professores a refletirem com mais cuidado ainda sobre as diversas experiências cotidianas.

Posto isso, a referência assumida foi o assistir televisão, como sendo uma das mais freqüentes experiências extra-escolares, haja visto que cada vez mais a mídia, principalmente a televisiva, ocupa boa parte do tempo no dia-a-dia de adultos e crianças, propagando valores nem sempre apropriados para a devida formação cultural.

3. A Indústria cultural e a Educação Física escolar

Para Adorno, o objetivo da práxis educacional é a emancipação. Percebe-se uma defesa radical do resgate da dimensão emancipatória da formação em tempos nos quais predominam situações

que imobilizam quase que por completo suas duas faces centrais: continuidade e temporalidade (Zuin 1999: p. 118).

Quando Zuin (1999) alude a este pensamento adorniano, torna-se importante definir quais são estas faces centrais que a educação deve garantir.

A continuidade se refere ao conhecimento que não se perde em função de uma nova aprendizagem. Aquilo que é aprendido deve se solidificar o bastante a ponto de não perder espaço para novas aprendizagens. Já a temporalidade se refere ao conhecimento entendido como fenômeno historicamente situado.

Esta postura garante uma identidade à ciência e sua relação com a sociedade, permitindo que o aluno reconheça suas características e possibilidades, ou seja, a dimensão dialética do conhecimento. Caso contrário garante-se ao saber produzido uma inquestionabilidade que o coloca como absoluto, sem possibilidades de mudança quando na verdade ele foi construído pela humanidade e pode, portanto, ser pelo Homem repensado.

Podemos verificar por meio das palavras de Zuin (1999) que este aspecto de auto-reflexão também ganha destaque nos escritos de Adorno, principalmente naquilo que este define como crítica imanente:

O dado particular contém dentro de si não só suas idiossincrasias, mas também as relações sociais, materiais e históricas que foram responsáveis tanto pela sua essência, quanto pela sua aparência. Ao proceder dessa forma, descobre-se uma incongruência entre a essência e a aparência do objeto, fazendo com que se constate a distancia entre suas promessas e efetivas realizações. Esse procedimento teórico converte-se naquilo que Adorno denominou crítica imanente ao próprio objeto (Zuin 1999: p. 126).

O conceito de educação com o qual Adorno trabalha, busca acima de tudo enfrentar as condições subjetivas e objetivas de reincidência da barbárie. No trajeto histó-

rico dos estudiosos que fundamentaram esta teoria, fica muito presente a figura de Hitler e do nazismo e sendo assim, eles buscam na educação possibilidades de se encontrar respostas para os motivos da reincidência da barbárie no trajeto da humanidade – seja na figura do nazismo, do terrorismo ou do capitalismo.

Aqui a questão da técnica ganha destaque negativo quando utilizada como fim nela mesma promovendo a alienação do homem através do trabalho e garantindo o processo semiformador diretamente responsável pela não-extinção da barbárie.

A Educação Física tem contribuído para isso na medida em que se justifica no ambiente escolar, sem muita concretude, como responsável pelo domínio e transmissão dos conhecimentos da cultura corporal. Sem muita concretude, pois vemos através da não-obrigatoriedade de sua presença no currículo noturno, um viés preponderante da porção “física” sobre a porção “educação”. Isso reflete o atual clima cultural que vivemos nesta sociedade administrada onde a técnica reificada se desvincilhou do compromisso com o progresso da humanidade. O perigo decorrente de tal estado é apontado por Adorno, citado por Zuin (1999):

Quando as pessoas se dessensibilizam em relação aos outros e em relação a si próprias, ou quando os objetos são construídos sem o objetivo de auxiliar a composição de uma vida melhor para todos, estamos diante de um sistema social, cujas relações favorecem um clima cultural favorável à reincidência da barbárie. (Adorno apud Zuin: p. 71).

A relação entre a semiformação e a reincidência da barbárie é um ponto sólido das reflexões adornianas, onde ele aponta que nas reconciliações mal resolvidas entre as pulsões individuais e a sociedade nasce a semiformação. Zuin (2006) exemplifica bem esta reconciliação forçada ao fazer um paralelo entre a promessa de democratização da cultura através da chamada “sociedade da informação” e a sua real concretização:

[...] a fetichização da técnica e a reificação das consciências teimam em nos lembrar que as reconciliações entre o indivíduo e a sociedade, entre o desejo e a cultura não foram ainda efetivadas. O que atualmente se realiza, no dizer de Adorno, é a reconciliação forçada. [...] Tais atos [se referindo a atos como o assassinato do índio Galdino] são indicativos de que há uma nítida fissura entre os conteúdos ideológicos da promessa de uma vida mais justa por causa da “democratização da cultura” e o real cumprimento dessa intenção (Zuin: 2006).

Nossa análise sobre a atual situação da Educação Física na escola passa pela expressão presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que designa nossa área de conhecimento: cultura corporal. Para Kunz (2001) tal definição, parece equivocada:

Notem que os autores [do livro “Metodologia do ensino de Educação Física”] utilizam-se do conceito “Cultura Corporal” para definir uma “área de conhecimentos” específicos da Educação Física. O interessante é que isso pode significar que esses autores estejam reforçando o velho dualismo de corpo e mente, muito discutido no contexto da Educação Física. Porém, com toda certeza esses autores sabem que, pela concepção dualista de homem, se existe uma cultura humana que é apenas corporal, devem existir outras que não o são, que devem ser então mentais ou espirituais e, certamente, não incluiriam a cultura corporal do jogo, do esporte, da ginástica e da dança como cultura “corporal” na concepção dualista. Embora esse conceito de “cultura corporal” esteja sendo utilizado por muitos teóricos da Educação Física e Esportes, parece-me destinado apenas a reforçar uma cultura desenvolvida pela via do movimento humano (Kunz 2001: p. 19).

Desta forma o autor opta pela utilização do termo “Cultura do Movimento”, e mais a frente, neste mesmo texto, Kunz (2001) aborda a questão dos diversos significados que o esporte pode assumir:

Isso [a visibilidade do esporte nos meios de comunicação de massa] vem gerando uma influência cada vez maior sobre nossa “Cultura do Movimento”, e principalmente sobre o conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física. Porém, o esporte desenvolvido atualmente com a finalidade do alto rendimento apresenta uma série de problemas (Kunz 2001: p. 22).

Partindo do pressuposto de que não se pode tomar a Educação Física escolar apenas por aquilo que ela reproduz atualmente em suas manifestações, logo torna-se necessário entender que a cultura do movimento assumiu ao longo do tempo características das sociedades em que se manifestou, viabilizando sua utilização como veículo político. Este raciocínio é bastante desenvolvido por Soares (2006), que traça a história dos sistemas ginásticos europeus em íntima relação com os contextos sócio-históricos onde eles foram implantados, acabando por influenciar a formação da Educação Física enquanto ciência e, conseqüentemente, a Educação Física brasileira. Graças a estudos como os dela, podemos saber hoje que o esporte já serviu à ditadura militar brasileira como maneira de ocupar a mente e o tempo livre de possíveis subversivos. Em outras palavras, o esporte foi usado para ocupar um tempo em que as pessoas poderiam usar para discutir e refletir o estado ditatorial da época.

Ao longo de suas transformações, o esporte assumiu características mercadológicas que o colocam hoje como um espetáculo capitalista rodeado de interesses comerciais que passam longe de se preocupar com as questões pedagógicas presentes no ambiente escolar. Portanto, reproduzir o esporte sem repensá-lo, culmina na reprodução do mercado perverso que o controla além dos muros escolares. Isto é algo que Kunz (2001) aponta. Se a sociedade cobra freqüentemente esta alta performance é provável que o indivíduo nela inserida venha a incorporar tais valores que, neste caso, afloram também durante as aulas de Educação Física. O homem aos poucos despreza seu conteúdo subjetivo priorizando suas características objetivas e, assim se assemelha à máquina. Tal pensamento é corroborado por Bereoff (1999):

Estes educandos, tais como os trabalhadores da fábrica que Horkheimer e Adorno nos apresentam no texto *A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas*, desde o sinal de saída da escola até a entrada da manhã seguinte, estão com os seus sentidos ocupados pelos produtos da Indústria Cultural do

esporte e, assim, nas aulas, observa-se a continuidade da socialização da semiformação cultural, do existente, sem apresentar a menor possibilidade de romper as condições objetivas de reprodução deste fetiche, que é hoje a própria cultura (Bereoff 1999: p. 106).

Ao entendermos que a escola não deve reproduzir simplesmente a realidade, mas questioná-la e fazer com que o aluno saia do ciclo escolar apto a assumir esta postura, conseqüentemente a Educação Física deve se distanciar desta reprodução acrítica de valores competitivistas e individualistas.

Não significa abandonar estas práticas, mas questioná-las e evidenciar o que está por trás delas e como elas se relacionam na construção do Homem capitalista, sempre pronto para crescer, render, enfrentar novos desafios e vencer! Não se trata de negar o esporte, como ocorreu no meio acadêmico da Educação Física no início da década de 70², pois “Esta visão unilateral trouxe um pessimismo e um imobilismo característicos deste período crítico”. (BEREOFF, 1999, p. 63)

Numa rápida definição sobre os conceitos de formação e semiformação, bastante presente nos textos que lidam com a Teoria Crítica, podemos dizer que elas se referem à maneira como o indivíduo se apropria da cultura a qual tem acesso. A formação corresponde à dimensão subjetiva da cultura apreendida pelo indivíduo, no entanto, no atual contexto ela é “apreendida nos termos da indústria cultural que copia a sociedade em estrita continuidade de sua vigência [o que significa dizer que] [...] As ‘massas’ são semiformadas afirmativamente para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural” (MAAR, 2003, p. 461). Portanto, a semiformação deve ser entendida no contexto em que é produzida e ser vista como um empecilho a verdadeira formação cultural, jamais como uma etapa para a aquisição desta.

A escola como um todo vive esta crise de educar para a transformação das atuais bases sociais desiguais ao mesmo tempo em que deve promover o ajustamento do indi-

víduo ao sistema vigente no sentido de torná-lo participativo neste contexto. Para a Educação Física vale o mesmo.

Parece-nos que, mesmo antes de sua sistematização, ou até mesmo durante o início desta, a educação já se apresentava dentro de um processo de formação que continha a tensão entre seus dois elementos fundamentais: a autonomia e a adaptação. E esta, ao que parece, no desenvolvimento da racionalidade social, tornou-se dominante, enquanto aquela desvaneceu-se (Bereoff 1999: p. 83).

Realizar esta tarefa – de não absolutizar a adaptação em detrimento da autonomia – no mundo globalizado e informatizado no qual vivemos, passa pelo questionamento que proponho: evidenciar e problematizar as influências de uma sociedade administrada no contexto escolar, o que inclui a Educação Física, e não cometer o erro apontado por Bereoff (1999):

[...] boa parte dos professores de educação física, através de uma reflexão ética e moral para a resolução do problema, buscaram fechar-se ao condicionamento social – os elementos sociais externos – em que esta solução “racional”, no confronto com a forma social dissolveu o problema, forçando uma reconciliação. [...] Mas o ponto nevrálgico, que gostaríamos de destacar nestas mudanças é que a educação física escolar, a partir de uma crítica imanente do modelo tecnicista, de um momento de negatividade, de tensão entre a contradição e a resistência, no qual deveria fazer uma análise radical e em profundidade, entregou-se à promessa ilusória da solução sintetizadora, na tentativa de se fechar ao condicionamento social, sem se dar conta de que, mais uma vez, foi presa de uma totalização inversora da situação social existente. (Bereoff 1999: p. 104)

Se de fato os professores de Educação Física tomarem esta atitude, ficam garantidas as bases para uma solução aparente que na verdade não dará conta de dialogar com as outras influências na formação cultural de seus alunos, deixando-os como alvo fácil da indústria cultural.

4. Procedimentos metodológicos

De início me coloco frente à palavra método buscando considerar os apontamentos que Adorno (1995c) coloca em seu texto “Experiências científicas nos Estados Unidos”. O positivismo presente no significado desta palavra contemporaneamente nos remete ao período da II Revolução Industrial, quando as ciências exatas ganharam maior relevância e se justificavam social e academicamente na medida em que forneciam os conhecimentos e tecnologias para essa revolução. Neste contexto, as ciências humanas e biológicas vão buscar este mesmo reconhecimento e prestígio pelas mesmas vias que as ciências exatas: a exatidão, o mensurável e o calculável. Tal postura gerou um empobrecimento do subjetivismo humano, contribuiu para uma visão de homem-máquina e, portanto de uma sociedade mecânica, desconsiderando a porção subjetiva que também determina o ser humano.

Assim as ciências humanas e biológicas assumiram o rigor científico positivista e de quebra assumiram também seu maneira de operar. Um dos principais problemas que advém desta postura é considerar a teoria hierarquicamente superior à prática, sendo a última local de simples verificação da primeira.

Há uma censura ao raciocínio positivista que se rende à tautologia tão criticada nas bases explicativas do mito, pois sabe-se de antemão os resultados que serão obtidos mediante o controle “total” das variáveis. Na verdade, o pensamento não se conserva apenas em si mesmo. A pretensão de auto-suficiência do positivismo encontra correlação direta com a veleidade do indivíduo burguês que crê no poder do exercício de sua vontade, a despeito de possíveis entraves sociais. A crítica de Adorno, desenvolvida dentro da tradição do materialismo histórico não ortodoxo, tem papel relevante na desmistificação do conceito de indivíduo enquanto entidade absoluta e independente (Zuin 1999: p. 120).

Esta visão positivista torna-se impraticável neste estudo que busca considerar o máximo possível das variáveis humanas, também porque:

[...] o ideal de conhecimento de uma explicação unívoca e simplificada ao máximo, matematicamente elegante, fracassa quando o próprio objeto, a sociedade, não é unívoca, nem simples... A sociedade é contraditória e mesmo assim determinável, a um só tempo racional e irracional, sistemática e caótica, natureza cega e mediada pela consciência. Os procedimentos da sociologia devem curvar-se ante isso (Adorno apud Zuin 1999: p. 122).

No entanto há de se ressaltar que Adorno jamais negou as qualidades do positivismo como a análise de dados empíricos, entre outras. Aliás, foi esta consideração que viabilizou trabalhos como “A personalidade autoritária” (ZUIN, 1999, p. 121).

Assim, parto do pressuposto de que não exista uma fórmula exata para a investigação de fenômenos humanos tais como os estabelecidos na relação de ensino e aprendizagem entre professor e aluno e vice-versa. Faço então reflexões sobre um produto que considero exemplo claro de como a indústria cultural pode formar individualidades patológicas e a partir disso aponto aquilo que entendo como necessário ao professor comprometido com a formação cultural de seus alunos, para que dialogue com tal realidade dentro da escola, dentro de suas aulas.

Após a gravação de todos os capítulos do programa, assisti-os realizando anotações referentes a dois capítulos e pertinentes às evidências que caracterizam tanto o programa como um produto da indústria cultural, como falas dos participantes que também revelam traços de uma individualidade em estado de semiformação. Os aspectos que pude notar dentro destes parâmetros encontram-se detalhados a seguir. A escolha de análise detida apenas sobre dois capítulos, se deu após revisão de toda a série, sendo que nestes capítulos ficaram mais evidentes os elementos de análise.

5. Análise de um produto da indústria cultural

O *reality show* “Joga Bonito” foi escolhido para ilustrar a relação direta existente entre a indústria cultural e a Educação Física por meio de um dos conteúdos hegemônicos desta dentro da escola: o futebol. Tal escolha, volto a justificar, ocorreu em função do papel de destaque mundial que a televisão alcançou na atual sociedade e reafirmando as limitações deste recorte – nem todos os lares das regiões mais pobres do mundo ou mesmo do Brasil possuem um aparelho televisivo – acredito estar dialogando mais de perto com a realidade, o que seria inviável em relação a uma análise de outro inquestionável veículo de informação atualmente em destaque: a Internet.

A idéia central desta produção televisiva era a de escolher dentre os inscritos aquele jogador de futebol que “Joga Bonito”. Para tanto foi realizada uma “peneira”³ inicial onde foram selecionados 24 participantes dos 7.000 inscritos, sendo que neste dia estavam presentes 4.500. Nesta fase do programa pode-se notar no discurso daqueles que foram eliminados a naturalização do fracasso, como se isso não fosse ocasionado pelas condições objetivas e subjetivas de existência individual numa sociedade que teima em polarizá-los como vencedores ou perdedores.

A fase seguinte da disputa foi realizada no município de Jarinú⁴, então os jogadores foram encaminhados para lá, onde permaneceram até serem eliminados pelos avaliadores⁵. Aqui se dá mais um momento que merece destaque. Cada garoto que chega ao quarto onde ficará hospedado recebe um *kit* de materiais esportivos da marca patrocinadora não só do programa como de grandes equipes e astros do esporte inclusive do futebol. Segue abaixo algumas falas dos participantes neste momento:

É, acabei de chega e já rolo essa surpresa aqui. Ganhamos essas coisas maravilhosas aqui. Vô durmi feliz já hoje já. Já vô durmi feliz (KAUÊ, in: JOGA Bonito, 2006a).

Disse um dos participantes segurando os materiais esportivos.

Tá pareceno o Cristiano Ronaldo. Liga? Do... (ROBERT, in: JOGA Bonito, 2006a).

Disse um garoto apontando para um quadro com a foto do garoto que respondeu:

Todo mudo diz que eu pareço com ele (ALAN, in: JOGA Bonito, 2006).

A reação dos participantes reforça o conceito de que o indivíduo semiformado acredita na aquisição das características positivas maciçamente propagandeadas e atreladas as mercadorias pelo simples ato de vesti-la ou utilizá-la.

A estética das mercadorias, cuja função é destacada por Kurz, refere-se àquela que já foi demarcada por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*: procura-se, antes de mais nada, associar ao produto da indústria cultural a oportunidade de que o pseudo-indivíduo “experiencie” a sensação de que é um atributo seu – a beleza, a inteligência, a simpatia – que está sendo simplesmente confirmado no ato da compra de determinado ícone (Zuin 1999: p. 108).

Fazer uso do local e dos materiais esportivos dos ídolos reforçou o mecanismo de identificação com estas estrelas, aproximando-se do que Adorno (1985) coloca em sua obra intitulada “Dialética do esclarecimento”:

A *starlet* deve simbolizar a empregada de escritório, mas de tal sorte que, diferentemente da verdadeira, o grande vestido de noite já aparece talhado para ela. Assim, ela fixa para a espectadora,

não apenas a possibilidade de também vir a se mostrar na tela, mas ainda mais enfaticamente a distancia entre elas. Só uma pode tirar a sorte grande, só um pode se tornar célebre, e mesmo se todos têm a mesma probabilidade, esta é para cada um tão mínima que é melhor riscá-la de vez e regozijar-se com a felicidade do outro, que poderia ser ele próprio e que, no entanto, jamais é (Adorno; Horkheimr 1985: p. 136).

Na retratação mais detalhada do vencedor não faltam trechos aproximando uma história de vida sofrida com a conseguinte redenção, quase como uma retribuição divina⁶ e a marca que tal pensamento carrega onde somente alcança condições melhores aqueles que muito sofrem. “Aliás sofrimento e redenção sempre foram pares inseparáveis da mentalidade nazista” (ZUIN, 1999). Ora, esta idéia é cotidianamente desmentida por aqueles que nascem ou herdaram riquezas familiares e ainda por cima divulga em si uma noção muito interessante para a sociedade do consumo: a de que a felicidade só se conquista por meio de bens materiais. Outra fala se destaca em relação a esta reflexão, quando um garoto eliminado diz:

Superei tanto obstáculos já. Mais um pra minha vida, mas tá aí, erguê a cabeça e seguir em frente (RICARDO, in: JOGA Bonito, 2006).

Como não poderia faltar, o programa encerra sua exibição promovendo o encontro do jogador vencedor do programa com um dos ídolos atuais do futebol⁷ garantindo maior veracidade à projeção e à identificação⁸ que milhões de telespectadores realizam sobre tal figura. Utilizando-se dos dizeres de Zuin (1999), podemos notar como isso contribui para a construção de uma identidade patológica:

A construção das identidades, por meio dos mecanismos psicológicos de identificação e projeção, subsume-se às injunções da indústria cultural, acarretando sérios riscos à própria humanidade. O necessário processo de reflexão dos conteúdos projetivos

cada vez mais se arrefece, uma vez que os dados imediatos são absorvidos pelos indivíduos e devolvidos à sociedade quase que de forma instantânea (Zuin 1999: p. 82).

Segundo Laplanche (2001), o mecanismo de identificação corresponde a um:

Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma séria de identificações (Laplanche 2001: p. 226).

Já a projeção, relaciona-se com lançar ao mundo exterior qualidades, desejos e sentimentos contidos no ser que projeta:

Ela se verifica a todos os níveis do comportamento: um animal seleciona no campo perceptivo certos estímulos privilegiados que orientam todo o seu comportamento; determinado homem de negócios considerará todos os objetos do ponto de vista do que se pode comprar ou vender (“deformação profissional”); o homem bem-humorado tende a ver a “vida cor-de-rosa”, etc (Laplanche 2001: p. 374).

Tais definições nos permite entender como a exposição insistente e consumista dos produtos da indústria cultural – sejam eles objetos ou seres humanos – acabam deturpando estes mecanismos psicológicos presentes na formação da individualidade. Seguindo a lógica da superficialidade e da aparência posta nesta sociedade, estas características psicológicas acabam tornando-se falsas contribuindo pouco ou até mesmo negativamente na construção da identidade do ser humano.

E para finalizar este raciocínio naquilo que me cabe, observo a possibilidade de uma relação próxima entre esta observação e as características psicológicas e históricas da relação entre Hitler e os sequazes do nazismo:

O líder apresenta-se concomitantemente como homem comum e como deus. Tal apresentação acaba por facilitar a projeção dos egos dos indivíduos debilitados, pois são facilmente sugestionados. Eles identificam, nas figuras autoritárias de Hitler e dos líderes fascistas, um modelo que atende às necessidades e desejos de segurança e proteção frente à situação caótica desprovida de um futuro melhor.

Contudo, tal identificação proveniente desta idealização implica a total submissão às regras e normas que o caracterizam como membro de um determinado grupo (Zuin 1999: p. 87).

Este trecho final da citação dá margem para retornamos à discussão realizada no início deste capítulo colocando no centro a questão psicológica por trás do consumismo irrefreado e irrefletido. O patrocínio realizado pela marca esportiva mundial *Nike*, reafirma o compromisso comercial do programa. Ao entrarem na fase decisiva do mesmo, os participantes do programa receberam uma série de materiais esportivos para utilizarem durante os treinos. A utilização destes materiais esportivos, que não por acaso são os mesmos utilizados por ícones do esporte mundial, acaba funcionando como mais uma maneira de garantir uma pseudo-identificação destes garotos com aqueles que já atingiram o sucesso no futebol. Este processo reafirma uma atitude apontada por Zuin (1999):

No seu íntimo, o pseudo-indivíduo percebe a falsidade da propaganda que procura de todas as formas convencê-lo de que determinado produto destaca o seu “jeito particular de ser”. Mas ele também sente que a possibilidade de usufruir da falsa experiência de ser reconhecido como “sujeito” pelos outros depende sobretudo dos signos dos bens de consumo que porta (Zuin 1999: p. 74).

E ao notar a falsidade presente na promessa do objeto de lhe oferecer automaticamente os atributos propagandeados pelo mesmo, o indivíduo pode buscar outra maneira de se adquirir tais atributos, mas aqueles que não desenvolveram a prática de iden-

tificar a crítica imanente ao objeto recaem na veleidade viabilizada pela indústria cultural:

[...] Na sociedade cuja idolatria aos objetos de consumo cada vez mais reflete a debilitação do próprio indivíduo, é necessário fazer com que a repressão a qualquer tipo de práxis, que poderia questionar as características do clima cultural que favorece esse processo de debilitação, seja "compensada" pela promessa de que sempre haverá um "novo" produto mais desenvolvido que proporcionará a superação daquela sensação de mal-estar que teima em persistir quando procuramos desesperadamente a reapropriação do controle da nossa individualidade no consumo ou mesmo no desejo de fazê-lo (Zuin 1999: p. 108).

O programa em si possui todos os componentes de um produto da indústria cultural. Cortes rápidos de cena para que a permanência de uma mesma imagem não canse o telespectador; trilha sonora simples, de fácil compreensão e bem articulada com os momentos de vitórias e derrotas do programa; entre outras técnicas. Tais características tiram o foco do conteúdo e o coloca na forma como a mensagem trazida pelo programa invade as cabeças dos telespectadores, seguindo uma tendência de sociedade pautada na estética da mercadoria e na facilidade de consumo das imagens. O problema que então se levanta é quanto à perversidade de uma mensagem passada quase que subliminarmente.

É importante que não se deixe imaginar que na evolução da televisão sua relação com a evolução social tenha se dado somente no sentido de proporcionar situações ideológicas semiformativas. Não podemos perder de vista o ser humano por trás de uma produção televisiva, uma vez que segundo Adorno (1995b) enquanto houver o ser humano por trás da técnica, haverá a brecha no sistema burocrático que mantém a indústria cultural, para que em certo sentido e medida sejam superadas algumas condições semiformativas ali postas.

6. Considerações finais

Estas palavras finais têm o intuito de estimular novas possibilidades de reflexões práticas tanto para licenciandos como para professores de Educação Física, e não o de serem colocadas como verdade absoluta e incontestável.

Não há receita para se considerar todas as variáveis humanas presentes em nossa atuação como professores a fim de se formular aulas perfeitas. Há de se considerar sempre novas reflexões e acima de tudo trabalhar para a construção do indivíduo emancipado, tanto os educandos que irão passar por nossas mãos como nós mesmos.

De acordo com o pesquisador [Zuin se refere a Gruschka], dificilmente poder-se-á localizar nem nos poucos textos e notas de rodapé explicitamente pedagógicos de Adorno e Horkheimer e nem nos textos implicitamente pedagógicos desses autores uma pedagogia de forma incontestada (Zuin 1999: p. 130)

Portanto, não me atrevo a apontar o rumo certo. Mas, acredito que ele passa pela consciência de que nas práticas cotidianas, o professor revela seu entendimento de mundo e de Homem e assim contribui para a formação destas noções na individualidade de seus educandos. Tentei mostrar ao longo do texto o quanto isso é importante nesta sociedade que educa para a semiformação sob a égide das vivências e das aparências.

O programa televisivo "Joga Bonito" foi utilizado como um exemplo de algo maior, a chamada indústria cultural que se manifesta não somente nos conteúdos ligados ao esporte como também àqueles ligados à música, ao cinema, e outros mais. Esta constatação deve colocar em alerta os professores comprometidos com a formação cultural de seus educandos seja na Educação Física ou em outra disciplina. Logo, cabe a nós, professores de Educação Física, uma contribuição para este processo formativo que vá

além do que se veicula diariamente na mídia a respeito dos mais variados conteúdos referentes à nossa área de atuação como o esporte, e a dança. É imperativo que se vá além da vivência, como aponta Zuin (1999):

[...] *Sobre alguns Temas em Baudelaire* é uma dessas obras que possui o mérito de identificar num produto cultural, no caso, a poesia do autor de *Flores do Mal*, a presença de um certo espírito objetivo que demarca a passagem da formação para a semi-formação, ou seja, a hegemonia da vivência (*Erlebnis*) sobre a experiência (*Erfahrung*). De fato, o poeta experiencia em sua obra a própria decadência da experiência (Zuin 1999: p. 154).

Por meio da análise do *reality show* tornou-se evidente a maneira com que a indústria cultural se apropria de uma das áreas de nosso interesse: o esporte, mais especificamente o futebol. Este fato aproxima-nos enquanto educadores comprometidos com a superação da atual sociedade, de seu esclarecimento junto a nossos educandos. Quando entendermos isso, acredito que estaremos dando um importante passo rumo a uma Educação Física que de fato contribua para o processo de formação do ser humano emancipado.

Não aponto para o programa a tarefa de elucidar aos telespectadores a totalidade deste fenômeno cultural chamado futebol, mas sim aos professores que podem e devem estar a todo o momento estabelecendo uma relação dialética com a realidade de seus educandos no sentido da superação da semi-formação cultural que impera atualmente.

Penso ter ficado razoavelmente claro que a escola, e conseqüentemente a Educação Física, não existem num mundo paralelo ao da sociedade como um todo e que se esta apresenta quadros e técnicas semiformativas advindas inclusive do espaço que a indústria cultural ocupa nela, os professores devem então considerar isso no exercício diário de sua profissão. Na intersecção entre os conceitos adornianos e a Educação Física, espero que tenha ficado claro não somente as possibilidades como a necessidade da

escola dialogar profundamente com a sociedade e não apenas superficialmente. Se somos capazes de notar a tensa relação entre os princípios semiformadores da sociedade consumista em que vivemos e a teoria educacional da emancipação, justifica-se que na ambigüidade colocada por Adorno (1995a, p.144) em relação à tarefa escolar de educar, reforcemos muito mais a resistência que a adaptação ao mundo contemporâneo.

Se o presente estudo pareceu pessimista demais, ressalto que

A luta pela verdadeira felicidade deve estar atrelada ao reconhecimento do estado atual de infelicidade.

É nesse sentido que uma concepção educacional que se julga crítica poderia contribuir para o processo de auto-reflexão da formação que se converteu em semiformação. Talvez esse procedimento corresponda ao alento de Adorno de que a educação tenha como propósito básico a emancipação. [...] A concepção educacional que se pauta na denúncia da falsa reconciliação atual – a qual dissimula uma vida plena de liberdade mas que prima pela sua ausência – fala também em nome da possível reconciliação entre aqueles conteúdos emancipatórios da formação e uma vida menos injusta (Zuin 1999: p. 157).

Em outras palavras, nosso papel como professores vai muito além de definirmos entre jogos competitivos ou cooperativos ou mesmo os dois; vai muito além de sermos ou não sermos utilizados como modelo de execução de um movimento; vai muito além de ensinarmos ou não ensinarmos as regras de um esporte; vai sim ao encontro da estimulação do raciocínio crítico de resistência à atual falsificação da realidade que promete e não cumpre a união entre os anseios individuais e as necessidades sociais do capitalismo. Desvendar cotidianamente as mentiras que se encontram sob o arrazoado que defende a sociedade das igualdades de oportunidades é defender nossa capacidade de sermos senhores de nós mesmos e verdadeiramente donos de nossa história. Assim, a Educação Física deve ser pela resistência a uma sociedade que sutil e ideologicamente se mostra auto-suficiente e democrática, mas propaga estereótipos de manutenção das

atuais condições de desigualdade social e condições objetivas que garantem a semiformação necessária para o sustento do consumismo e da vivência.

Não se pode esquecer que a escola é local privilegiado para que se trabalhe na construção do ser emancipado, mas que ela por si só não é capaz de garantir tal formação. É necessário que se pense nas condições objetivas e subjetivas de existência humana que ainda garantem a reincidência da barbárie como no caso do assassinato do índio Galdino ou mesmo no riso preconceituoso daquele que ouve uma piada racista, mas diz se tratar apenas de uma brincadeira.

Um problema que decorre do exposto acima, diz respeito à possibilidade dos próprios professores se encontrarem num estado de semiformação. Frente a isso, não possuo uma resposta que possa solucionar por completo o problema, mas penso na formação continuada como uma possibilidade a ser estudada, principalmente no sentido de formar com os professores a necessidade da auto-reflexão teórica e prática diariamente, assim como já foi exposto no item “A Indústria Cultural e a Educação Física Escolar”.

Essa relação entre a indústria cultural e a semiformação dentro da Educação Física ainda carece de dados empíricos e relatos de experiência e este talvez seja um dos limites deste estudo. Porém, venho propor uma reflexão já iniciada na Educação Física, mas sob bases ainda pouco estudadas em nossa área.

Por fim, vejo na escola comprometida com a emancipação do ser humano – em contraste com aquela que vemos hoje em dia, muito preocupada em produzir analfabetos funcionais – e no professor de Educação Física o desafio e a possibilidade de se almejar para seus educandos algo muito além do que o “jogar futebol”.

Bibliografia:

ADORNO, Theodor W. A Indústria Cultural. Trad. A. Cohn. 4. ed. In: COHN, Gabriel. (Org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978. p. 92-99.

_____. Educação para quê? Trad. Wolfgang Leo Maar. In: MAAR, Wolfgang L. (Org.) *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995a. p. 139-154

_____. Televisão e formação. Trad. Wolfgang Leo Maar. In: MAAR, Wolfgang L. (Org.) *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995b. p. 75-95

_____. Experiências científicas nos Estados Unidos. Trad. Maria Helena Ruschel. In: _____. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995c. p. 137-178.

_____. *Teoria da semicultura*. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_teoria%20da%20semicultura.asp?f_id_artigo=523>. Acesso em: 23 jun. 2006.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. Trad. Guido Antonio de Almeida. In: _____. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985. p. 113-156

ARANTES, Paulo E. *Escola de Frankfurt: uma introdução*. Disponível em: http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/outros/arantes_03.html. Acesso em: 03 dez. 2006.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: CIVITA, Victor (Org.). *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. vol. 48, p. 3-28.

BEREOFF, Paulo S. *Experiência formativa e educação física*. São Paulo: UNISA, 1999. 122 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais: educação física / Secretaria de educação fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.

JOGA Bonito. Régis Faria. RGB, 2006. Exibido por: Emissora Bandeirantes de televisão, 23 abr. 2006a.

_____. Régis Faria. RGB, 2006. Exibido por: Emissora Bandeirantes de televisão, 30 abr. 2006b.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2001. 160 p.

LAPLANCHE, J. Identificação. Trad. Pedro Iamen. In: _____. *Vocabulário da psicanálise/Laplanche e Pontalis*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 226-230.

_____. Projeção. Trad. Pedro Tamen. In: _____. *Vocabulário da psicanálise/Laplanche e Pontalis*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 373-380.

MAAR, Wolfgang L. Adorno. *Semiformação e educação*. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, 2003.

MATOS, Olgária C. F. *A escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo*. Coleção Logos. São Paulo: Moderna, 1993. 127 p.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. Do ato de ensinar numa sociedade administrada. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000200003&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 15 jun. 2006.

SOARES, Carmen L. Notas sobre a educação do corpo. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/lucia_soares.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2006.

ZUIN, Antônio Á. S. *Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia*. Campinas: Autores Associados, 1999. 167 p.

_____. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000200002&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 22 jul. 2006.

Notas:

¹ Este programa foi exibido aos domingos, das 21:00h às 22:00h, de 16 de abril a 04 de junho de 2006, pela emissora Bandeirantes de televisão. Inscreveram-se no programa 7.000 adolescentes de todo o Brasil, entre 15 e 16 anos. Dados extraídos de <http://www.band.com.br/primeirojornal/conteudo.asp?ID=12482&CNL=1>, acessado em 26/05/2006.

² A leitura que Bereoff faz da história da educação física brasileira aponta para um momento (início da década de 70) em que houveram discursos "sobre a necessidade de se negar o esporte nas aulas de educação física escolar, pelo fato deste ser uma prática assumidamente com valores de uma ideologia capitalista, o que foi um típico irracionalismo da crítica cultural." (BEREOFF, 1999, p.62).

³ Algo parecido com um vestibular, sendo que neste caso são avaliados ao invés de conhecimentos, as habilidades motoras referentes ao esporte em questão.

⁴ Cidade localizada o interior do estado de São Paulo, muito utilizada por times profissionais de futebol para realizarem as chamadas "concentrações".

⁵ Os jurados são: Antonio de Oliveira Filho (conhecido como Careca, ex-jogador de futebol), Wanderlei Luxemburgo da Silva (conhecido como Luxemburgo, atual técnico do time de futebol do Santos Futebol Clube) e Leovegildo Lins Gama Júnior (conhecido como Júnior, ex-jogador de futebol).

⁶ Interessante notar que há uma relação bastante estreita entre religião e futebol, presente nos atos de jogadores que fazem o sinal da cruz antes de entrarem em campo, beijam imagens de santos, oram em grupo, etc...

⁷ O jogador de futebol Adriano que defende a equipe italiana *Internazionale de Milão* e a Seleção Brasileira de Futebol.

⁸ Zuin discorre amplamente sobre a relação entre projeção e identificação encontrada nas chamadas personalidades patológicas em seu livro "Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia" mais especificamente no capítulo 3 "A indústria cultural e a formação dissimulada".

Frederico Vieira Dias

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). cursando o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); frequentando o Grupo de Estudos em Teoria Crítica, coordenado pelos professores Antonio Álvaro Soares Zuin e Newton Ramos de Oliveira nesta mesma universidade e; lecionando como professor efetivo da rede pública estadual de educação na Escola Estadual Conjunto Vida Nova III, em Campinas-SP.

Contato: fredmuchacho@yahoo.com.br